

Análise de apurações jornalísticas feitas com uso de Inteligência Artificial

Nadine Evelyn Quandt
Rafaela Sant'Anna
Kérley Winqes
Maria Elisa Máximo

Resumo

A partir das recorrentes transformações tecnológicas, o jornalismo passou por reformulações e precisou se adaptar às novas formas de produção de informações a partir de grandes bancos de dados. Uma saída para essa problemática é o uso da Inteligência Artificial (IA), que pode auxiliar de maneira significativa na apuração jornalística em grandes bancos de dados. Para entender melhor esse cenário, o presente artigo analisa três reportagens produzidas com o auxílio da IA: a) *Luanda Leaks* – Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ); b) *Leprosy On The Land – Texty*; c) *Chamber Of Secrets: Teaching A Machine What Congress Cares About – Propublica*. O método de escolha das reportagens foi buscar por conteúdos que explicitavam a forma como a apuração e os textos foram produzidos e, acima de tudo, que deixavam claros os detalhes sobre o uso de computadores inteligentes na fase de produção das reportagens. Como resultado é possível apontar que as informações coletadas por mecânicas de IA também são capazes de contar boas histórias desde que haja um olhar cuidadoso dos jornalistas. Há espaço para o jornalismo planejar apurações feitas com o auxílio de sistemas inteligentes, porém, também é necessário pensar em formas de transmitir as informações coletadas de forma dinâmica e entendível para o público. Isso pode ocorrer através de elementos multimídia, como o uso de infográficos, vídeos, animações etc., ou por meio de uma linguagem mais direta e de fácil entendimento.

Palavras-chave: Jornalismo Digital. Inteligência Artificial. Banco de Dados.

Introdução

O presente artigo aborda um tema que está em qualquer discussão sobre o futuro do jornalismo: o uso da Inteligência Artificial (IA) e o avanço das tecnologias de automação nas apurações e produções jornalísticas. De modo geral, o tema ainda gera insegurança na maioria dos profissionais de comunicação, principalmente pelo receio da substituição da produção humana nas redações. Ao tentar compreender este cenário e extrair potencialidade a partir do uso da IA, o objetivo desse artigo é entender as formas em que a Inteligência Artificial pode ser utilizada para facilitar o processo de apuração, fornecer materiais únicos e, em alguns casos, possibilitar uma ótica inovadora sobre fatos já conhecidos pelo público. Além disso, outro ponto abordado neste estudo é a forma como esse processo é feito e seus resultados.

Em termos de referência, três estudos são base para esta pesquisa: Elias Machado, em 2002, já previa que as novas formas tecnológicas iriam influenciar diretamente a apuração jornalística. Em seu artigo *O ciberespaço como fonte para os jornalistas*, Machado (2002) exemplifica estes novos métodos de apuração no ciberespaço, principalmente relacionando as ferramentas automatizadas na busca por dados relevantes no contexto do jornalismo e apresenta possíveis impactos positivos no meio. Com a conceitualização do jornalismo pós-industrial, feita pelos pesquisadores Chris Anderson, Emily Bell e Clay Shirky (2013), é possível compreender o cenário atual do jornalismo e suas perspectivas a curto e longo prazo. Observar como as redações se adaptam aos novos métodos, e continuam se adaptando ao novo ecossistema tecnológico, é fundamental para analisar seus conteúdos produzidos a partir de novas técnicas e traçar um panorama das principais mudanças. O professor Carl-Gustav Linden, da Universidade de Helsinki, Finlândia, em seu artigo *Algoritmos para jornalismo: o futuro da produção de notícias*, publicado em 2018, também mostra como a tecnologia já é uma realidade para o fluxo de trabalho jornalístico, além disso, apresenta como a tecnologia e o jornalismo se desenvolvem de forma conjunta.

Diante desses trabalhos, temos um panorama para exemplificar o uso da inteligência artificial na apuração jornalística, este artigo apresenta uma análise do uso da IA no jornalismo a partir de reportagens internacionais que foram construídas a partir do uso de ferramentas automatizadas. Com base em uma busca direcionada em veículos exemplares como *Reuters* e em conteúdos relacionados, como o minicurso *Introdução ao machine learning*, ofertado pelo *Google News Initiative*, o corpus de análise é formado pelas seguintes reporta-

gens: a) *Luanda Leaks* – Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ); b) *Leprosy On The Land* (Lepra Da Terra) – Texty; c) *Chamber Of Secrets: Teaching A Machine What Congress Cares About* (Câmara de Segredos: ensinando a uma máquina o que importa para o Congresso) – Propublica.

Todas as reportagens abordadas foram escolhidas justamente por explicitar o uso da inteligência computacional e mostrar ao público os detalhes de apuração. A análise observa os métodos de Inteligência Artificial que foram utilizados, como foram reunidos e, principalmente, como os jornalistas repassaram as informações para seus públicos. Todos os materiais escolhidos apresentam temas diferentes e são produzidos, como explicitado acima, por diferentes veículos jornalísticos para criar um panorama amplo dos possíveis usos dessas ferramentas.

Ao fim dessa análise, o objetivo é apresentar um saldo geral sobre o uso da IA, observar o que podemos utilizar como exemplo para futuras produções com apuração inteligente e o que é passível de ser melhorado a partir das reportagens exemplares. De forma geral, em termos de estruturação, o artigo passa pelo conceito e contextualização do jornalismo pós-industrial e como ele impactou a produção jornalística; pelo uso da inteligência artificial no dia a dia e no jornalismo; e, por fim, aponta e analisa os exemplos de reportagens que fizeram a apuração com o auxílio de tal tecnologia.

Jornalismo e avanços tecnológicos

O jornalismo sempre esteve profundamente atrelado com os avanços tecnológicos, afinal, foi graças a uma técnica, a prensa, que o jornalismo se consolidou na sociedade. No contexto digital, o jornalismo passou por cinco fases. Na primeira, onde os produtos oferecidos na web eram basicamente cópias dos conteúdos publicados na mídia impressa, as atualizações eram feitas geralmente a cada 24 horas – ou seja, após o fechamento do jornal impresso.

No artigo *Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web* de Luciana Mielniczuk, publicado em 2003, a autora explica que nesse primeiro momento a rotina de produção de notícias era totalmente atrelada ao modelo dos jornais impressos e não se notava preocupações no que se refere à busca por uma apresentação inovadora das narrativas jornalísticas. Na segunda fase, a estrutura da internet já estava mais desenvolvida, o que possibilitava uma forma mais simplificada de explorar novas formas e ferramentas, tais como links com chamadas para notícias de contextualização, um

canal por e-mail como uma possibilidade de comunicação entre jornalista e leitor e alguns recursos de hipertexto, como uma área de “últimas notícias”.

Já na terceira fase, começam a surgir veículos exclusivos para a internet e uma busca maior por inovação, nos “produtos jornalísticos desta geração, é possível observar tentativas de efetivamente explorar e aplicar as potencialidades oferecidas pela web para fins jornalísticos” (MIELNICZUK, 2003, p. 9). Além disso, na terceira fase podemos ver as formas multimídia começando a ser amplamente exploradas. A quarta fase está relacionada principalmente com a ideia de uma redação integrada, nas produções multiplataformas e nas produções dinâmicas, aqui também é possível verificar o início da popularização dos *smartphones* e *tablets*. Essa fase também é marcada pelo início dos bancos de dados e pelo jornalismo colaborativo. Por último, a etapa mais recente, é a quinta fase do jornalismo digital. Neste estágio, temos os aparelhos móveis (*martphones* e *tablets*) reconfigurando a produção, a publicação e a distribuição dos conteúdos. Outro ponto importante da quinta fase é o protagonismo dos bancos de dados.

Nesse sentido, Carl-Gustav Linden (2018) observa que não precisamos olhar para 100 anos atrás para observamos como o jornalismo depende e acompanha os avanços tecnológicos. Há 20 anos, as redações não tinham acesso aos celulares, câmeras digitais, e-mails e demais ferramentas que hoje são base para grande maioria das produções. A capacidade de desenvolvimento da atualidade é única e jamais vista, atualmente, mais do que nunca, ferramentas novas surgem e o jornalismo precisa se adaptar, seja por conta das mudanças da própria estrutura da produção de conteúdo, seja pelas próprias formas de apuração. “A velocidade da transformação tecnológica é, possivelmente, superior a qualquer outra instância na história do jornalismo” (LINDEN, 2018, p. 7). Esses avanços geraram uma desconstrução da estrutura da indústria jornalística e da forma de compartilhar informações.

O relatório escrito por Chris Anderson, Emily Bell e Clay Shirky, produzido pelo *Tow Center for Digital Journalism* da Escola de Jornalismo da Universidade Columbia, em 2012, expõe como o jornalismo mudou e muda neste período pós-moderno. O relatório propõe que não há mais uma indústria jornalística, pois com o avanço da tecnologia e da internet, qualquer um em qualquer lugar do mundo consegue tornar uma informação pública. Esse fator descentraliza o jornalismo como “proprietário” das informações e único responsável pela transmissão delas.

Além da descentralização das informações, segundo os autores, também aconteceu a migração de anunciantes para a internet; mais especificamente,

para as plataformas digitais (Facebook, Google, Instagram, entre outras) que favorecem a publicidade dirigida e a personalização da distribuição de conteúdo. Sendo assim, a falta de verba, enxugamento das redações e o amplo crescimento tecnológico, são fatores que tornam o medo da substituição por máquinas mais próximo. Tendo isso em vista esse cenário, a mudança do modelo de produção jornalística, isto é, uma reestruturação nos modelos de produção e de negócio, se faz, portanto, obrigatória. “A virada basicamente negativa na sorte de meios de comunicação tradicionais nos leva a duas conclusões: o custo de produção de notícias precisa cair e essa redução de custo deve ser acompanhada de uma reestruturação de modelos e processos organizacionais” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 37).

Para os autores, um aspecto positivo e modificador do cenário atual do jornalismo é o poder de explorar novas formas de colaboração, novas ferramentas de análise e fontes de dados, a partir disso, podemos pensar que a reconstrução do jornalismo está intrinsecamente conectada com a ideia de uso das ferramentas baseadas em inteligência artificial para a produção e apuração jornalística.

A inteligência artificial

A Inteligência Artificial (IA) foi debatida, pela primeira vez, ainda na década de 1950. A conceitualização básica foi criada por John McCarthy, um cientista da computação estadunidense, em um workshop no *Dartmouth College em New Hampshire*, nos Estados Unidos. Desde então, o conceito e aplicação da inteligência artificial se aplicam de formas inimagináveis.

De forma resumida, a inteligência artificial é um sistema de computador que é programado para aprender e fazer algo por conta própria, sem a intervenção humana frequente. É importante lembrar que existem várias categorias de inteligência artificial, várias aplicações, um dos exemplos mais simples são as assistentes disponíveis nos celulares, que são uma forma de IA programada para usar dados para responder quaisquer perguntas dos usuários.

Como dito, já há conceitualizações da inteligência artificial há mais de 60 anos, porém, atualmente seu uso é fundamental para diversos processos. As IAs se “alimentam” de dados e com o alto volume de produção de tais dados por humanos, elas aprendem mais, se tornando menos artificiais e mais inteligentes.

Na visão de Linden (2018, p. 11), a IA ganhará espaço nas redações. “O primeiro estágio será a substituição de atividades que dependem de reconhecimento de padrões, coleta e extração de dados e algoritmos”. Atualmente, podemos

constatar a presença desse processo na apuração jornalística. O autor ressalta que a presença da IA no Jornalismo crescerá ainda mais com o passar dos anos, mas que um computador não funcionará sozinho. “Os algoritmos utilizados para o jornalismo necessitam refletir um comportamento nem sempre baseado em regras, porém reflexivo e flexível no sentido de que a aplicação de regras explícitas e internalizadas é ambígua em situações complexas” (LINDEN, 2018, p. 10).

O autor traz exemplos de como algumas inteligências computacionais já estão em uso em redações jornalísticas nos países europeus e nos Estados Unidos. “As técnicas de *machine learning*, por exemplo, se tornaram parte do processo editorial em grandes empresas de comunicação como o *The Guardian*, a *Reuters* e o *The New York Times*” (LINDEN, 2018, p. 10, grifos adicionados). Segundo o autor, os jornalistas, tradicionalmente, confiam nos métodos qualitativos para suas pesquisas, porém a oferta de *softwares* fáceis de usar, baratos ou gratuitos para o processamento de grandes quantidades de dados, abriram novas oportunidades.

Linden (2018) também ressalta que o uso dessas ferramentas se torna quase que obrigatória na atualidade, já que a revolução digital também expandiu a oferta e disponibilidade de dados utilizados em processos de jornalismo computacional, gerando a explosão do que é popularmente denominado como “Big Data”. É impossível que um humano analise todos os dados gerados pela rede mundial de computadores, ainda mais um jornalista que precisa além de analisar, apurar e encontrar noticiabilidade em um conteúdo.

O autor avalia que “há algoritmos voltados ao jornalismo, e mesmo que algumas partes do trabalho jornalístico sejam automatizadas, há razões para crer que as atividades mais estratégicas se beneficiarão da combinação homem-máquina que, em um cenário ideal, terá o jornalista no comando” (LINDEN, 2018, p.12). Por fim, aponta-se que a combinação entre poder de processamento computacional, programação e criatividade coletiva humana produziram resultados impressionantes dentro do jornalismo, a julgar pelos recentes projetos baseados em grandes conjuntos de dados.

O uso da inteligência artificial na apuração jornalística

Elias Machado (2002) explica que as redes são um ambiente diferenciado com capacidade de fundar uma modalidade distinta de jornalismo, em que todas as etapas do sistema de produção de conteúdos jornalísticos permanecem circunscrita aos limites do ciberespaço. Em outras palavras, é possível construir produções jornalísticas utilizando apenas recursos e ferramentas da internet. O autor também se aprofunda no conceito de jornalismo

assistido por computador, isto é, o jornalismo de Inteligência Artificial. Ele identifica o processo de coleta de dados com auxílio do computador e cita a autora Nora Paul ao abranger quatro modalidades: reportagem, pesquisa, referência e encontro. Na reportagem o jornalista pode utilizar os recursos de programas especializados para cálculos complexos, programas estatísticos para análises de dados extensos e programas para construção de arquivos próprios, capazes de contextualizar os fatos e identificar tendências futuras.

O pesquisador também avalia que o ciberespaço pode ser um complicador no jornalismo, especialmente, se os jornalistas não tiverem ferramentas para lidar com o grande volume de informações que circula na rede. “A estrutura descentralizada do ciberespaço complica o trabalho de apuração dos jornalistas nas redes devido à multiplicação das fontes sem tradição especializada no tratamento de notícias, espalhadas agora em escala mundial” (MACHADO, 2002, p. 4).

Portanto, a utilização da inteligência artificial, seria capaz não só de facilitar o processo do jornalista, como também protegê-lo de erros ocasionais causados pelo excesso de informação. “Com o exame cuidadoso dos bancos de dados existentes nas redes o jornalista digital pode descobrir fatos de enorme relevância muito antes da medida entrar em funcionamento, quando ainda em fase de estudo ou finalização do projeto” (MACHADO, 2002, p. 9).

Outro ponto importante ao se analisar o uso da inteligência artificial no processo de apuração jornalística, é o próprio jornalista. Anderson, Bell e Shirky (2012) já preveem como a pós-modernidade iria mudar o perfil dos jornalistas e iria exigir novas habilidades para a aplicação de seu trabalho. Para os autores, o novo repórter deve especificar o que está dizendo para que tenha impacto no público. O papel do repórter precisa mudar e transcender o papel do público. O medo do jornalista de ser substituído, não é tão emergente, afinal, as máquinas ainda precisam de pessoas para lhes programar e lhes ensinar. O ser humano ainda é o pontapé inicial para o processo de apuração e, quando finalizada, cabe ao jornalista realizar uma análise cuidadosa dos dados, buscando possíveis contextos e formas para fornecer as informações destes bancos de dados.

Os autores observam que “todo jornalista deve ser capaz de analisar dados e indicadores que acompanham seu trabalho e estar ciente que toda cifra representa uma atividade humana” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 49). E complementam: “O jornalista não foi substituído – foi deslocado para um ponto mais acima na cadeia editorial. Já não produz observações iniciais, mas exerce uma função cuja ênfase é verificar, interpretar e dar sentido à enxurrada de texto, áudio, fotos e vídeos produzida pelo público” (*ibid.*, 2013, p. 43).

O futuro do jornalismo está muito atrelado ao uso dessas ferramentas

e ao aprendizado a partir delas. Novas possibilidades se abrem ao aprendermos novas habilidades como a programação de uma Inteligência Artificial. Com esta competência, por exemplo, é possível localizar pautas únicas e informações exclusivas, pois, muitas vezes, esses algoritmos são capazes de alcançar informações que nunca seriam encontradas de forma manual. “Na produção de notícias, haverá um emprego de mais técnicas: análise algorítmica de dados, representação visual de dados, contribuição do cidadão comum, incorporação da reação das massas, produção automatizada de textos a partir de dados” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 84).

Tendo isso em vista e considerando o jornalismo de Inteligência Artificial uma realidade crescente no cenário do jornalismo, é possível fazer uma análise de casos bem-sucedidos dessa associação entre computador e humano. “Mesmo que algumas partes do trabalho jornalístico sejam automatizadas, há razões para crer que as atividades mais estratégicas se beneficiarão da combinação homem-máquina que, em um cenário ideal, terá o jornalista no comando” (LINDEN, 2018, p. 12).

Feita a contextualização, os próximos passos da pesquisa apresentam a análise de três exemplos de reportagens produzidas a partir de apurações feitas com o auxílio de IA. Em todos os casos, a tecnologia aplicada foi a de *Machine Learning*, uma subcategoria da IA que aprende a partir de exemplos e padrões.

Análises de reportagens exemplares

A motivação inicial deste artigo foi o minicurso *Introdução ao Machine Learning*, disponibilizado gratuitamente pelo *Google News Initiative*. O curso apresenta uma breve explicação sobre o funcionamento das inteligências artificiais do tipo *Machine Learning* e cita diversas reportagens exemplares. Dentre todas as reportagens apresentadas no curso, foram selecionadas três para realizar uma análise mais aprofundada, trazendo, além da questão da IA, um olhar para alguns princípios do jornalismo digital. O recorte aplicado para a escolha das reportagens foi buscar conteúdos que quem as produziu, veículos e jornalistas, dispôs o material de apuração e a forma como a apuração foi feita. Cabe destacar que as três produções deixam claro que utilizaram de ferramentas de inteligência artificial e, principalmente, de que modo isso foi construído.

Dito isso, a análise será feita a partir da própria apuração *versus* seu resultado. Uma das principais questões que orientaram a avaliação das reportagens é: como os veículos trouxeram as informações para o público? Trata-se de um

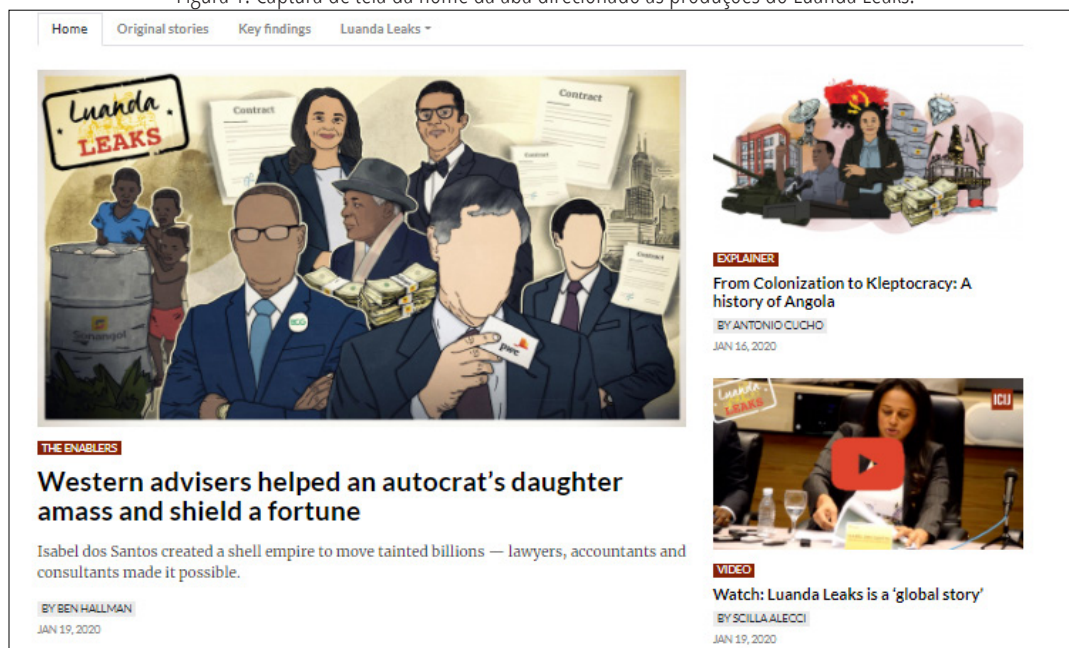
grande desafio, sendo que o computador produz um levantamento de dados e eles precisam ser simplificados a partir de um tratamento jornalístico.

As matérias escolhidas são todas de veículos intencionais: Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ), ProPublica e a agência de notícias ucraniana Texty. Todos os produtos jornalísticos escolhidos abordam temas diferenciados e demonstram vários possíveis usos para a IA. Feitos os devidos apontamentos, segue abaixo a análise completa de cada uma das reportagens.

Luanda Leaks – ICIJ

O primeiro material jornalístico selecionado, não é exatamente uma única reportagem, mas sim um conjunto de produções¹. O material foi produzido, em 2019, a partir do vazamento de mais de 700 mil documentos. O *Luanda Leaks*, como o vazamento ficou conhecido, é uma produção do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ). No Brasil, três veículos participaram desse processo de apuração: a Agência Pública, a Revista PiauÍ e o Poder360.

Figura 1: Captura de tela da home da aba direcionada às produções do Luanda Leaks.



Fonte: Site do ICIJ. Disponível em: <https://bit.ly/3k4elfw>. Acesso em: 09 jul. 2021.

1. Reportagens publicadas ao longo de 2019 no site do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ). Disponível em: <https://bit.ly/3k4elfw>. Acesso em: 9 jul. 2021.

A grande quantidade de documentos vazados é um fato muito presente nos filmes que apresentam histórias de jornalistas que passam dias sem dormir em busca da grande notícia. Porém, neste caso do Luanda Leaks, o processo foi bem diferente. Para analisar e organizar estes documentos, a ICIJ fez uma parceria com o Quartz, uma organização que auxilia jornalistas no processo de automação por Inteligência Artificial. Juntos eles construíram um modelo de IA que permitiu a equipe usar um “filtro”, facilitando o processo da busca por arquivos com noticiabilidade.

A máquina além de economizar tempo, fez a separação de temas, fator que facilitou a abordagem que o consórcio utilizou. As informações obtidas pelo vazamento geraram uma série de conteúdos, em sua grande maioria textos longos e densos. Porém, a forma narrativa utilizada é simples e conta uma história que surgiu a partir de documentos.

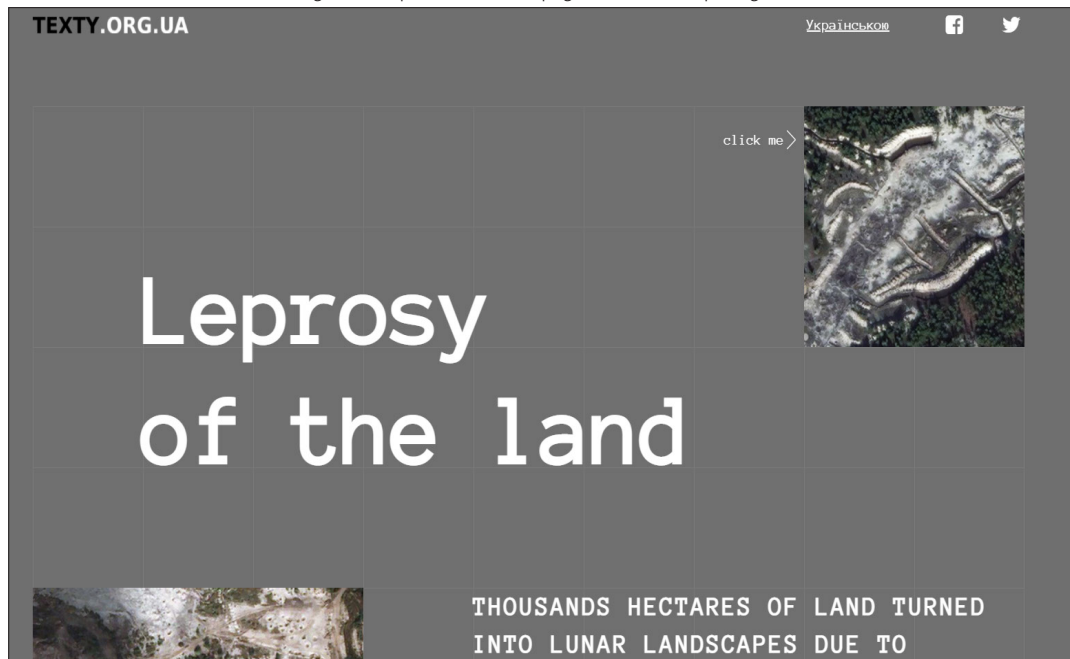
Neste caso, a Inteligência Artificial fez o trabalho bruto da apuração de documentos. Isto é, a primeira visualização, a organização da informação e a definição de relevância. Assim, os jornalistas puderam se dedicar à apuração complementar e à construção de uma narrativa atrativa para expor as informações. O que dialoga com a ideia dos autores Anderson, Bell e Shirky (2013), de que os repórteres ocupam uma posição responsável por fornecer aspectos ligados à interpretação e ao contexto.

3.2 Leprosy on the Land – Texty

Produzida pela agência de notícias Texty, *Leprosy on the Land* é uma reportagem² sobre os efeitos causados pela mineração ilegal de âmbar na Ucrânia. A ideia da pauta já existia por conta do conhecimento dos repórteres sobre a presença desse tipo de mineração, porém, não havia formas manuais de provar e reportar isso. A agência, já no primeiro parágrafo do texto, usa um hiperlink que leva a explicação de como o projeto foi realizado. Dessa forma, apresenta um passo-a-passo e cita exemplos de como a programação foi feita.

2. Matéria publicada em março de 2018 no portal de notícias Texty. Disponível em: <https://bit.ly/3r49PPx>. Acesso em: 9 jul. 2021.

Figura 2: Captura de tela da página inicial da reportagem.



Fonte: Site Texty. Disponível em: <https://bit.ly/3r49PPx>. Acesso em: 09 jul. 2021.

O primeiro passo foi uma pesquisa inicial em áreas de terra com mineração ilegal e como esses locais poderiam aparecer em imagens de satélite; após, eles buscaram por fornecedores de mapas com imagens de satélite com boa resolução e, a partir dessa pesquisa inicial, os repórteres usaram de algoritmos nas imagens da região de interesse.

O resultado das pesquisas, reunião e seleção de imagens, foi um mapa interativo do impacto no meio ambiente devido à mineração ilegal. O site apresenta essas informações de forma simples e interativa, facilitando a experiência do leitor. A IA aplicada nessa apuração consiste na busca por padrões em imagens, na criação de um filtro para agrupar as imagens que forem captadas por esse padrão e, por fim, a reunião de tais informações. De forma geral, o papel dos jornalistas nesse caso foi programar a máquina da forma necessária e, após essa organização e com as informações reunidas, simplificá-las para um melhor entendimento do público.

Chamber of Secrets: teaching a machine what congress cares about – ProPublica

A agência de notícias americana ProPublica fez uma reportagem³ mostrando um levantamento dos termos mais utilizados por políticos americanos. O uso da Inteligência artificial, mais especificamente a técnica de *machine learning*, é explicitada já no título da matéria. A reportagem explica como treinaram um modelo de computador para extrair quais frases um congressista usa mais do que o restante, usando centenas de milhares de comunicados de imprensa de 2015 até o presente.

Figura 3: Captura de tela da página inicial da reportagem.



Fonte: Site ProPublica. Disponível em: <https://bit.ly/2TTjjB7>. Acesso em: 09 jul. 2021.

Com identificação de tópicos distintos, o modelo descobre quais comunicados de imprensa dos membros do Congresso são mais semelhantes, em tópicos ou frases, calculando quem “soa como” quem. O objetivo desse levantamento é oferecer aos constituintes uma nova visão sobre os principais temas dialogados e, principalmente, como os discursos se apresentam ao público. Por exemplo, um senador fala que tem como prioridade a Educação, o sistema mostra se aquele político realmente apresenta tópicos sobre Educação, quais são os pontos mais citados em seu discurso e quais outros indivíduos públicos têm um discurso similar

3. Levantamento feito em 2017 no portal da ProPublica. Disponível em: <https://bit.ly/2TTjjB7>. Acesso em: 9 jul. 2021.

O código usado por eles se baseia em uma aproximação do significado das palavras em inglês, criada para representar matematicamente o contexto em que ocorrem. A teoria de que isso daria uma ideia do significado das palavras é chamada de “Semântica Distributiva”. Esse conceito sugere que palavras que são usadas e ocorrem nos mesmos contextos tendem a ter significados semelhantes.

A publicação foi feita em um formato apenas de texto, os repórteres não utilizam nenhum outro elemento multimídia, além dos hiperlinks. A reportagem foi pensada para explicitar mais a forma como foi feita, por outro lado, não deu atenção suficiente aos resultados. Diversas ferramentas poderiam ter sido usadas, tais como a infografia; por exemplo, uma “nuvem” com as palavras mais citadas. A apuração com o uso de inteligência artificial, nesse caso, não foi transmitida aos leitores da melhor forma, provando que o trabalho de apuração jornalística artificial não depende apenas da máquina, mas também do jornalista e a forma como ele transmite tais informações.

Considerações finais

A inteligência artificial pode até parecer um “bicho de sete cabeças” para um jornalista que passou a vida inteira ouvindo pessoas. Entretanto, se olharmos com um pouco mais de cuidado, veremos que as informações coletadas por computador também são capazes de contar histórias tão boas quanto as coletadas em uma entrevista tradicional.

O presente trabalho teve, desde seu princípio, o objetivo de contextualizar a realidade jornalística no contexto do jornalismo pós-industrial, evidenciar as mudanças que ocorrem nas produções jornalísticas e apresentar apurações feitas com o auxílio da Inteligência Artificial. Com auxílio de autores como Anderson, Bell e Shirky (2013), Linden (2018) e Machado (2002), foi possível observar como a reinvenção da apuração jornalística é uma realidade.

Outra premissa deste artigo foi analisar os conteúdos feitos por meio da apuração computadorizada para romper os receios que os jornalistas apresentam quando o tema é Inteligência Artificial, principalmente sobre a substituição de trabalho. Porém, ao analisarmos os exemplos, podemos observar que, na verdade, o trabalho de apuração com IA depende de pessoas, seja para encontrar uma pauta em meio de dados, seja para programar uma máquina para apurar e, primordialmente, transformar a apuração de dados em algo simples e interessante para o público.

Portanto, este artigo pode funcionar como uma introdução a um tema muito profundo e que ainda renderá diversos desdobramentos, visto que a IA para uso jornalístico ainda está fase inicial. A partir dos apontamentos presentes, reitera-se que há espaço para uma análise mais detalhada e longa, que poderia esclarecer e criar padrões sobre o uso da multimídia em reportagens com este tipo de apuração, já que são as imagens, infográficos e vídeos que dão “vida” aos dados.

Referências

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo Pós-Industrial – Adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, Volume 5, páginas 30-89, abril de 2013.

LINDEN, Carl-gustav. Algoritmos para jornalismo: o futuro da produção de notícias. **Líbero**, São Paulo, vol. 41, p. 5-27, janeiro de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2Vt7G4k>. Acesso em: 9 de jul. de 2021.

MACHADO, Elias. O ciberespaço como fonte para os jornalistas. **Biblioteca on-line de ciências da comunicação**, Beira do Interior, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3ww1YLZ>. Acesso em: 9 de jul. de 2021.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – COMPOS, **Anais**, Salvador, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3k8AHwB>. Acesso em: 09 de jul. de 2021.

Sobre as autoras

Nadine Evelyn Quandt. Graduanda do curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc. E-mail: 20191278@ielusc.br.

Rafaela Sant'Anna. Graduanda do curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc. E-mail: 20192235@ielusc.br.

Kérley Winques. Orientadora do artigo na disciplina de Jornalismo Digital I. Professora na Faculdade Ielusc e doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: kerley.winques@ielusc.br.

Maria Elisa Máximo. Orientadora do artigo na disciplina de Teoria e Método da Pesquisa. Professora na Faculdade Ielusc e doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: elisa.maximo@ielusc.br.